

## **CLÁUDIA SILVA FERREIRA, A “ARRASTADA” DO G1: a força significativa da palavra no discurso jornalístico**<sup>1</sup>

**Susan Liesenberg**<sup>2</sup>  
**Doutoranda – ESPM SP**

### **Resumo**

O presente trabalho apresenta uma análise discursiva com base nos sentidos produzidos pela palavra “arrastada”, utilizada em títulos de reportagens do site de notícias G1 sobre a morte de Cláudia Silva Ferreira, ocorrida em março de 2014. Bakhtin (2002) e Schaff (1973) compõem o escopo teórico deste estudo. Nele, ainda, Baccega (1998; 2007), Gregolin (2007) e Lonardon (2006) trazem apontamentos sobre a atuação da mídia na sociedade e o impacto dos conteúdos editoriais no processo discursivo, social, onde a palavra, seus significados e contextos atuam produzindo sentidos. Mensagens publicadas nas caixas de comentários do site compõem o *corpus* analisado. Como resultados, pode-se apontar a força simbólica das palavras no discurso jornalístico e os valores e percepções sociais que emergem do público-leitor a partir do tratamento dado pela mídia à elaboração de seus conteúdos, aqui pontualmente indicados pela escolha dos seus enunciados jornalísticos.

**Palavras-chave:** discurso; jornalismo; palavra; enunciado; significação.

### **1 INTRODUÇÃO**

A empregada doméstica Cláudia Silva Ferreira, de 38 anos, foi arrastada no asfalto ao cair do porta-malas do carro da polícia que a socorria após ela ter sido baleada em um confronto da PM com traficantes no Rio de Janeiro, em 16 de março de 2014.<sup>3</sup> Cláudia morreu a caminho do hospital, onde chegou com múltiplos ferimentos, deixando seis filhos, um marido e um país atônito diante do fato.

Na internet, era intermitente o fluxo de postagens sobre o caso. Assim como no literal “minuto-a-minuto” com que os sites convocam os leitores a manterem suas atenções voltadas às coberturas, novas informações eram postadas a cada instante. Ao longo deste fluxo, uma citação em especial alterou a repercussão sobre o caso no G1<sup>4</sup>. De

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Modelos de Negócios em Jornalismo na Cultura Digital”, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Informação (Informação, Redes Sociais e Tecnologias) pela UFRGS (2012). Pós-graduada em Jornalismo e Convergência de Mídias pela Universidade Feevale (2010). Graduada em Jornalismo pela Univali/Universidade do Minho (2003). E-mail: [liesenbergs@gmail.com](mailto:liesenbergs@gmail.com)

<sup>3</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/trataram-como-bicho-diz-marido-de-mulher-arrastada-em-carro-da-pm.html>. Acesso em: 05/06/2014.

<sup>4</sup> [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com)

“moradora”, “vítima” ou “mulher arrastada”, Cláudia passou a ser citada nos títulos como simplesmente “arrastada”<sup>5</sup>.

O termo gerou reprovação dos leitores do site, que manifestaram críticas à referência a uma pessoa – e morta em circunstâncias tão brutais – como “arrastada”. A forma de tratamento utilizada pelo G1 para citar Cláudia e a escolha da palavra para estampar um título de reportagens – sobretudo sobre um acontecimento de tal natureza – produziu sentidos vinculados à carga simbólica que a palavra “arrastada” conteve em tal aplicação e contexto. Menções a esta escolha compõem o objeto empírico e teórico desta pesquisa – os sentidos que a palavra “arrastada” passou a ter em tal referência, utilização e contexto –, além de integrarem o *corpus*, constituído de mensagens deixadas nas caixas de comentários do G1 pelos leitores.

## **2 O CASO CLÁUDIA SILVA FERREIRA**

### **2.1 Cláudia Silva Ferreira, a mulher e a tragédia pessoal**

Cláudia Ferreira da Silva foi atingida por um tiro no dia 16 de março de 2014, um domingo. A doméstica de 38 anos estava a caminho da padaria quando foi baleada durante uma ação policial no Morro da Congonha, em Madureira, no subúrbio do Rio de Janeiro. Policiais militares em atuação na ocorrência (que teria sido contra traficantes) socorreram Cláudia e a colocaram no porta-malas da viatura em diligência para levá-la ao hospital mais próximo. A caminho da emergência, o porta-malas abriu e o corpo de Cláudia caiu para fora do veículo, onde ficou pendurado por um pedaço de roupa preso ao carro e foi arrastado por 350 metros no asfalto. Ao perceberem o incidente, os PMs pararam a viatura e recolheram Cláudia. Ao chegar ao hospital, a mulher, esposa e mãe de seis filhos tinha o corpo dilacerado e estava morta.

A notícia do incidente – somada a um vídeo gravado por um cinegrafista amador que trafegava atrás do carro da polícia<sup>6</sup> – ganhou imediata repercussão nacional em todos os meios do circuito midiático, do impresso à internet. Dentre eles, um dos sites a noticiarem e cobrirem todo o desdobramento do caso foi o G1, principal veículo de notícias online das Organizações Globo e um dos mais lidos do país.

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/trataram-como-bicho-diz-marido-de-mulher-arrastada-em-carro-da-pm.html> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>6</sup> Disponível em <http://extra.globo.com/casos-de-policia/viatura-da-pm-arrasta-mulher-por-rua-da-zona-norte-do-rio-veja-video-11896179.html> Acesso em: 05/06/2014.

## 2.2 Cláudia Silva Ferreira, a mulher e a tragédia midiática

O caso de Cláudia ganhou destaque em uma série de reportagens publicadas no portal na cobertura do incidente, sendo algumas das manchetes as seguintes:

- Protesto em Madureira, no Rio, fecha rua após moradora morrer em tiroteio<sup>7</sup>
- Cabral diz esperar que PMs que arrastaram mulher sejam expulsos<sup>8</sup>
- PM determina a prisão de três policiais que socorreram vítima de tiroteio no Morro da Congonha<sup>9</sup>
- “Estava com a perna em carne viva”, diz amiga de mulher arrastada no Rio<sup>10</sup>
- Mulher arrastada temia que filhos fossem confundidos com traficantes<sup>11</sup>
- “Trataram como bicho”, diz marido de mulher arrastada em carro da PM<sup>12</sup>

Referências como “moradora”, “vítima” ou “mulher arrastada” à Cláudia, no entanto, passaram a resumir-se ao termo “arrastada”, conforme mostra a Figura 1.



**Figura 1** – Reprodução de página do site G1 com a chamada contendo a palavra “arrastada” em referência à Cláudia Ferreira Silva, enunciado jornalístico que causou repercussão negativa entre os leitores do portal. Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/arrastada-por-carro-da-pm-do-rio-foi-morta-por-tiro-diz-atestado.html> Acesso em 05/06/2014.

<sup>7</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/em-madureira-no-rio-e-interditada.html> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>8</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/cabral-diz-esperar-que-pms-que-arrastaram-mulher-sejam-expulsos.html> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>9</sup> Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/pm-determina-prisao-de-tres-policiais-que-socorreram-vitima-de-tiro-no-morro-da-congonha-11896362> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>10</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/estava-com-perna-em-carne-viva-diz-amigo-de-mulher-arrastada-no-rio.html> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>11</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/filho-de-mulher-arrastada-no-rio-diz-que-mae-tinha-medo-de-bala-perdida.html> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>12</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/trataram-como-bicho-diz-marido-de-mulher-arrastada-em-carro-da-pm.html> Acesso em: 05/06/2014.

A forma de tratamento sobressaltou aos olhos dos leitores. Uma campanha no Facebook<sup>13</sup> inclusive foi arregimentada em crítica ao G1, como mostra a Figura 2.

Em Quarta-feira, 26 de Março de 2014 10:25  
CLAUDIA SILVA FERREIRA, para deixar na nossa memória seletiva apenas a "mulher arrastada". A isso eu nomeio Vandalismo, com requintes de crueldade.



**Figura 2** – Montagem compartilhada no Facebook por leitores do G1 com crítica às manchetes publicadas pelo portal com a palavra “arrastada” em referência à Cláudia. Fonte: Facebook. Acesso em 05/06/2014.

Títulos de reportagens como Moradores fecham via após enterro de arrastada por carro da PM no Rio<sup>14</sup> e ”Arrastada por carro da PM foi morta por tiro”, diz laudo<sup>15</sup>, surtiram sentidos diversos entre os leitores diante da escolha editorial de utilizar o termo “arrastada” para mencionar Cláudia. Estes sentidos, aqui expressos em exemplos representativos apresentados nos comentários selecionados, compõem a análise a seguir, desenvolvida com base em fundamentos teóricos da Análise de Discurso (AD), especialmente inscritos na Análise de Discurso de linha Francesa (ADF).

Pela sua qualidade interpretativa como disciplina, a ADF baseia-se em produções de evidências contidas nos elementos do discurso – que é polifônico, polimórfico, plural. Nestas polifonia, polimorfia e pluralidade, reside justamente o emaranhado que tece

<sup>13</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<sup>14</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/transito/noticia/2014/03/manifestacao-interditada-trecho-da-avenida-ministro-edgard-romero.html> Acesso em: 05/06/2014.

<sup>15</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/arrastada-por-carro-da-pm-do-rio-foi-morta-por-tiro-diz-atestado.html> Acesso em: 05/06/2014.

as teias ideológicas que compõem um discurso, como Bakhtin (2002) faz a metáfora para dar a ideia da complexidade fabril deste agente comunicativo na sociedade. O autor destaca que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2002, p. 41). Nestes domínios de relações, incluem-se todo o conjunto de meios e veículos de comunicação da mídia, que se utilizam da palavra em seus discursos e fazem estes discursos circularem socialmente e realizarem seus sentidos neste intercâmbio dialógico polifônico.

Neste cenário, e no que tange ao estudo aqui proposto, Gregolin (2007, p. 3) destaca assim a “importância da análise do discurso para a compreensão de sentidos produzidos em textos da mídia” (GREGOLIN, 2007, p. 13). Na busca desta compreensão de sentidos, a autora ressalta ainda que “a análise do discurso pode delinear algumas relações que a mídia estabelece, interdiscursivamente, com outros dispositivos textuais que circulam na sociedade” (idem), daí a relevância de buscar compreender esses sentidos, suas origens e efeitos pela análise discursiva.

### **3.1.1 A palavra no discurso**

Fernando Pessoa escreveu que “quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma”. A frase do poeta traz um importante indicativo da representatividade da palavra na linguagem. Tal é a sua importância que os estudos de análise discursiva dedicam reflexões exclusivas e profundas a seu papel no processo comunicativo, discursivo, social.

Um dos principais apontamentos desta função é trazido por Schaff (1973, p. 248) ao sustentar que “a *palavra* é sempre uma operação de pensamento, no sentido da experiência que o sujeito faz das significações das palavras, tanto sob a forma de conceitos como sob a forma de representações”. O autor fundamenta que quando pensamos em algo, pensamos sempre com a ajuda de signos que representam este “algo”. Desta forma, confirma-se a metáfora de Pessoa sobre a função da palavra na linguagem e os fundamentos de Schaff (1973): ela contém, transporta, representa, carrega em si, desperta, significa, é ideológica, adquire ou indica posição, situação, tem “alma”, enfim. Bakhtin (2002) igualmente aborda a representatividade da palavra no discurso e a força simbólica que ela contém em si. Sobre isso, o autor diz que:

**É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for.** A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico (BAKHTIN, 2002, p. 38).

Para o autor, os processos de compreensão de fenômenos ideológicos – fenômenos nos quais circunscrevem-se os discursos da mídia e seus efeitos sociais – somente operam mediante a atuação do discurso interior contido nesta palavra e seus significados possíveis, uma vez que:

***A palavra é fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela*** (BAKHTIN, 2002, p. 36).

Bakhtin (2002) atesta, por essa função, que a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social, portanto. Por estar “presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN, 2002, p. 38) e ser dotada de carga simbólica, ela desempenha no discurso um protagonismo tanto pelo seu teor ideológico - pelo teor ideológico que pode ter, adquirir, significar -, como pela sua função social discursiva: “*a palavra dirige-se a um interlocutor*” (BAKHTIN, 2002, p. 112). Neste processo de interlocução em que ela atua, adquire sentidos, negociados entre o emissor e receptor da mensagem em que ela está contida. Freire (1983, p. 12) destaca este ponto ao dizer que, como linguagem e realidade se prendem dinamicamente, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1983, p. 12). Nisto, a palavra “arrastada”, trazida para a referência a Cláudia nos títulos do G1, produz nos leitores sentidos que remetem a uma desconsideração do G1 com a referência à mulher, à pessoa, por parte da imprensa, que será abordada a seguir.

### **3.1.2 A palavra no discurso midiático**

A escolha da palavra “arrastada” pelo G1 – escolha esta que cabe a um editor responsável pela elaboração e publicação do enunciado jornalístico nas reportagens – levantou discussões sobre a postura da imprensa com relação a esta escolha. Carregada de significados e fonte de sentidos, a palavra apresenta-se como uma das

unidades mais sensíveis do discurso – qualquer que seja o discurso –, em especial o midiático/jornalístico.

**Tomamos conhecimento dos outros fatos que ocorrem no nosso pequeno universo ou dos que ocorrem fora dele - e na ampliação desse universo os meios de comunicação exercem um importante papel - através de relatos. Todo relato vem impregnado dos valores e estereótipos da cultura de quem relata.** Na maioria das vezes os relatos que chegam até nós são o resultado das versões de vários sujeitos, às quais cada um aportou com seus condicionamentos. **Esses relatos nos são comunicados ou no boca-a-boca, ou através das mais sofisticadas tecnologias usadas pelos meios de comunicação. Mesmo quando observamos diretamente o fato, ou dele participamos, vamos "vivê-lo", ou depois relatá-lo, de acordo com nosso ponto de vista, que é formado predominantemente pela linguagem, sobretudo pela palavra** (BACCEGA, 1998, p. 9).

Baccega (1998) destaca que estes relatos trazem consigo as impressões de mundo, os valores e estereótipos de quem os relata justamente através dos termos escolhidos para se fazer tal relato. Neste transporte intrínseco de conceitos e estereótipos que a palavra detém em si, ressalta a autora, circulam com ela valores de quem a profere, em que contexto, para quem e com que finalidade é dita. E essa versatilidade da palavra atua plenamente no campo das significações.

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. **Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte.** Toda palavra serve de expressão de *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. **A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor** (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Nesta analogia da ponte, percebe-se a importância da palavra como elemento de ligação dialógica na comunicação humana, embora esta relação de ligação possa ser submetida a tensões interpretativas. Um destes choques podem ocorrer na interação entre locutores e ouvintes pela palavra escolhida editorialmente para titular uma manchete sobre a morte de uma pessoa, como foi manifestado pelos leitores do G1.

Henrique Cabral

**ARRASTADA G1? Eu acho que era um ser humano, digníssimo, e tinha nome!**

Elica Magalhães

Pelo amor de Deus G1, **essa mulher tem nome, ficar chamando-a de "arrastada" é uma falta de respeito!** Sensacionalismo! Imagina a família lendo uma notícia dessas.

Vanessa Chermaut

**Senhores Jornalistas, por favor, tenham mais respeito com essa mulher e tenham mais respeito com a família dela, e parem de se referir a ela como "Arrastada".** Honrem o compromisso que vocês tem com a sociedade

O descontentamento dos leitores do G1 adverte ainda criticamente para os preceitos que envolvem tal decisão editorial, conforme será visto seguir no que tange à produção midiática do enunciado jornalístico.

### **3.1.3 A produção midiática do enunciado**

A escolha de uma palavra a ser utilizada num título de reportagem, tal como ocorre com o termo “arrastada” no site G1, toca em pontos sensíveis da produção jornalística e da repercussão do seu produto informativo pela mensagem que será veiculada para e consumida pelo público leitor, sobretudo numa sociedade marcada por notícias semelhantes de barbáries cometidas por conta da violência na sociedade.

**Bertin**

**...em 18/03/2000, todo o Brasil ficou abalado com o menino João Hélio que foi arrastado por um carro dirigido por bandidos ate a morte ...Hoje a sena se repete sendo que o carro e dirigido por quem deveria preservar a vida , ou seja a PM/RJ...**

**Marcelo Cunha**

**Dois crimes idênticos: O do menino João Hélio e o desta moça.** Duas reações bem distintas por parte da classe média. Com o primeiro, houve uma imensa indignação. Já com a segunda, que deveria receber a mesma solidariedade, o que se vê são muitos comentários de deboche e, pasmem, de apoios aos bandidos fardados autores de tal barbaridade. Parabéns à classe média. O individualismo e o corporativismo são os veículos certos para conduzir a uma sociedade cada vez mais desigual e violenta.

Ao afirmar que “todo relato vem impregnado dos valores e estereótipos da cultura de quem relata”, Baccega (1998, p. 3) dá importante contribuição analítica sobre atuação subjetiva de quem atua na mídia internamente, onde os produtos editoriais revelam – explícita ou implicitamente – tanto os valores da linha editorial do veículo/empresa, como valores da construção pessoal e simbólica da formação de quem neles atua (editores, repórteres, fotógrafos, diagramadores, etc), o que é apontado pelos leitores.

**Gerson Grubert**

**PROTESTO: NA CAPA DO G1 A MULHER SENDO ARRASTADA É NO TÓPICO "FLAGRA" E A MANIFESTAÇÃO CONTRA A MORTE É "VIOLÊNCIA"????????? ME POUPEM... TÃO DE BRINCADEIRA!**

**Robert T.**

**O lado trise, também é saber que se não fosse o protesto violento dos moradores a TV GLOBO, que agora hipocritamente dá toda atenção ao caso, iria tratar a pobre trabalhadora como simplesmente mais uma suspeita que segundo a polícia morreu durante**

confronto. **Repare que quando não há protestos ou algo que os obrigue correr atrás da notícia sempre divulgam as mortes nas favelas sem dizer os nomes das vítimas e sempre só ouvindo a polícia como é possível verificar no uso da expressão "segundo a polícia".**

**Thais Meira**

**Acreditava que o acesso a internet serveria para alertar a população... Vejo que não. O que a imprensa pretende? De que lado está?** Está na hora do povo abrir os olhos... enquanto isso não acontecer as pessoas destas comunidades irão sofrer as consequências...

**Sebastião Satarem**

**G1 vocês estão compactuando, sendo cúmplices de crimes de apologia, ao crime de racismo, apologia à violência,** entre outros igualmente graves. Espero que o Ministério Público verifique o que esta acontecendo aqui.

Sobre este aspecto na enunciação, Fiorin (2007) diz que “o enunciador é o suporte da ideologia, vale dizer, de discursos que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso” (FIORIN, 2007, p. 41-42). Complementam-se aqui, sobre isso, as reflexões de Lonardoni (2006) ao dizer que “não podemos pensar na construção de uma capa de revista sem pensar no sujeito que a produz. De modo semelhante, é necessário pensar no que ele produz e para quem ele produz o que produz” (LONARDONI, 2006, p. 116). Ao analisar a discursividade dos títulos, fotos, ilustrações e demais recursos gráficos das capas da Revista Veja na construção narrativa de ascensão, auge e queda do ex-ministro da Economia Antonio Palocci, a autora descreve como a construção estética, fotográfica, dos enunciados, as palavras escolhidas para os títulos e o tratamento editorial da publicação induziam a percepções e sentidos sobre Palocci, em especial no que toca à presença ideológica de um enunciado jornalístico. Assim:

**O produtor de um discurso, em especial o midiático, vale-se, além da construção dos enunciados, dos aspectos discursivos e ideológicos de que lança mão e dos mecanismos disponíveis na língua, na sintaxe, na diagramação dos textos, etc., para construir discursos ideologicamente marcados.** Nesse sentido, nenhuma escolha é meramente casual (LONARDONI, 2006, p. 121).

Por esta razão, Gregolin (2007) pontua que na produção midiática, editorial, sejam analisados os modos de produção e a *forma* com que seus conteúdos chegam aos leitores, consumidor pela circulação dos enunciados, sendo que é a partir daí, de como tal informação é levada ao público, que a produção de sentidos se ativa.

Sobre este aspecto polifônico, Bakhtin (2002, p. 42) afirma que a psicologia do corpo social deve ser estudada de a partir de pontos de vista: o ponto de vista do *conteúdo*,

que são os temas atualizados num determinado momento do tempo, da vida, e, em segundo lugar, “do ponto de vista dos *tipos* e *formas* de discurso através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc.” (idem), a respeito do que também dispõe Gregolin (2007).

**Pensando a mídia como *prática discursiva*, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições do sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória.** Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetos históricos de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia (GREGOLIN, 2007, p. 3).

Ao deparar-se com uma notícia, “o leitor de uma revista, quando está diante do texto jornalístico, de certo modo vai buscar o sentido daquilo que ele lê, levando em conta quem é o seu destinador, ou seja, o tipo de revista que está lendo” (LONARDONI, 2006, p. 117).

**Como a informação, para se concretizar, parte de uma instância de produção (veículos midiáticos captam o fato e o transformam em notícia) e uma instância de recepção (o leitor que recebe a notícia já trabalhada), de acordo com a visão de mundo e a ideologia do veículo circulador das mensagens, o leitor a decodifica e a interpreta segundo suas crenças e apreciações (...), ao ‘receber’ as informações presentes na capa, e, aliando-as ao seu conhecimento de mundo e enciclopédico, constrói a sua visão dos fatos enunciados (LONARDONI, 2006, p. 120).**

Sobre a instância de produção de sentidos no discurso, Bakhtin (2002, p. 113-114) coloca ainda que “a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação”. Nisto, portanto, a presença da palavra “arrastada” num título jornalístico em referência a uma pessoa indica aos leitores um sentido de legitimação da exclusão social (pela associação ao contexto social em que Cláudia vivia e sua origem afrodescendente) e faz com quem questionem as intenções da mídia diante de tal conotação e apelo jornalístico utilizado no enunciado.

#### **Jovan Neto**

A polícia faz o que a classe média alta quer, e essa classe fala aqui nos comentários do G1. A favela é o Vietnã do Brasil, guerra perdida a população gosta mais do bandido que da polícia. **Na verdade boa parte dos que falam aqui não são classe alta mas pensam o que a mídia quer sem saber. Eu entendo lavagem cerebral não é fácil de resistir. Um pensamento clássico pra legitimar a violência e a exclusão:** Favela=bandido, tráfico e violência (associação automática) logo toda forma de repressão é justificável.

#### **Thais Meira**

**Acreditava que o acesso a internet serviria para alertar a população... Vejo que não. O que a imprensa pretende? De que lado está?** Está na hora do povo abrir os olhos... enquanto isso não acontecer as pessoas destas comunidades irão sofrer as consequências...

Nota-se o entendimento dos leitores sobre a conotação pejorativa do termo e o apontamento para o papel da mídia na manutenção do preconceito, algo que estranham partir de uma instituição que, pelas diretrizes profissionais e éticas, não deveria mencionar tal termo em tal relação.

### **3.1.4 O estatuto da memória no presente social**

Ainda que Cláudia tenha sido arrastada, o termo “arrastada” para se referir a ela não foi entendido pelos leitores do G1 como uma menção resumida ao fato na elaboração do enunciado jornalístico, como se se fosse dizer “Cláudia, a mulher que foi arrastada” ou “Cláudia, a mulher arrastada”. Muito além de uma forma de abreviação do contexto resumida num título, o termo “arrastada” em referência à mulher trouxe consigo uma rede de implícito significativos, como Baronas (2008) cita haver nas entrelinhas do discurso jornalístico, escondido ou revelado na sutileza de seus direcionamentos e angulações, e de como um material jornalístico pode induzir a algo na confecção de seu discurso dizendo diretamente ou indiretamente o que pretende.

Nesta rede de implícitos que flutua no dizer das coisas, portanto, valores e interpretações vinculados a sua ascendência negra e a sua condição social foram notados pelos leitores nas entrelinhas da escolha do termo. Sobre isso, Orlandi (1999, p. 82) complementa que “há sempre no dizer um não-dizer necessário”, algo que não obrigatoriamente tenha de ser dito para que ali seja “lido”, entendido, esteja presente.

Ao analisar os sentidos dos discursos de uma comunidade de pessoas ligadas aos índios karajás, do Mato Grosso, sobre como eles viam os indígenas, Azambuja igualmente registrou que “há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que pode ser dito etc” (ORLANDI, 1999, p. 83). Assim, mesmo que não tenha se referido à Cláudia como “negra”, “pobre”, “animal”, “carcaça”, “pobre”, como as mensagens dos leitores mostrarão mais adiante neste estudo, esses entendimentos sobre ela aparecem nas percepções dos leitores. O tratamento do editor ao escolher a palavra “arrastada” para referir-se à mulher conferiu tal sentido.

Gregolin (2007, p. 2) confirma que a referencialidade que um produto midiático recebe no tratamento de sua publicação (em forma, apelo, contexto, diagramação, escolha e edição fotográfica e outros elementos jornalísticos da construção discursiva do veículo) impacta na percepção dos leitores, consumidores deste produto informativo com quem o veículo dialoga por tais meios.

Lippmann (1966) explica que essa manutenção de estereótipos e preconceitos contidos nos discursos ocorre por pequenos sinais que ativam o ressurgimento de uma memória ao perceberem as coisas do mundo presente, podendo variar de um índice a uma vaga analogia.

**O estereótipo**, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade - ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, “entorta” -, mas o estereótipo **comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, como já dissemos, juízos de valor preconcebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade. Nossa cultura está plena de exemplos, entre os quais podemos lembrar os indígenas e os afro-descendentes** (BACCEGA, 1998, p. 10).

Na construção cultural brasileira, tais estes estereótipos e preconceitos estiveram sempre em ativação midiaticamente e no seio social, ou ainda na polifonia que ambos orquestram no processo comunicativo do discurso. Os sentidos manifestados pelos leitores nas críticas publicadas no G1 indicam ainda para vinculam-se à condição social de Cláudia, à sua origem negra e à brutalidade da ocorrência.

#### **O Pentateuto**

**Essa senhora foi morta pelo pouco caso com que são tratados os menos favorecidos no Brasil. Fosse uma madame, não seria levada em um porta mala de viatura policial para um hospital**, fosse uma madame não estaria aonde estava essa senhora para levar um tiro... **Logo o pouco caso com a vida dos menos favorecidos**, a fraquíssima Justiça do nosso país são os responsáveis por esse infeliz acontecimento.

#### **O Pentateuto**

Se essa senhora ainda tinha um fio de vida, eu imagino o sofrimento que não passou ao ser arrastada pelo asfalto sujo ! Isso **me dá uma tristeza imensa de ver como são tratados os pobres desse país, que além de não ter nenhuma consideração em vida, ainda acaba de mata-los com os maus tratos**, em nome de 'socorro'. Isso é o fim do mundo nesse país, sem ordem, sem Lei, sem instituições comprometidas com a verdade de suas atribuições.

#### **Marcos Franca**

Que país é esse, de pessoas desumanas. **Os favelados, em sua grande maioria, são do bem, são vítimas sofrendores, maioria negros ou com pobreza que atravessa gerações. São nossos irmãos mais pobres**, precisam de nosso apoio, são tratados como bandidos.

**Sebastião Satarem**

**G1 vocês estão compactuando, sendo cúmplices de crimes de apologia, ao crime de racismo, apologia à violência**, entre outros igualmente graves. Espero que o Ministério Público verifique o que esta acontecendo aqui.

Eles vêm na escolha e aplicação da palavra “arrastada” a mesma face da palavra que Azambuja notou nos dizeres das pessoas ouvidas sobre os índios karajás e textos em referências a eles: “a posição etnocêntrica europeia ainda hoje ressoa quando se coloca sobre a animalidade dos índios. A superioridade dos não-índios é ainda marcada quando se relacionam os índios a animais” (AZAMBUJA, 2005, p. 109). Este sentido de animalidade nota-se no tratamento midiático conferido à Cláudia como “arrastada”, reforçado pela natureza do acontecimento que culminou em sua morte de forma brutal.

**Robson Antonio**

**É triste ver uma cena desse tipo, "policiais comportando como verdadeiros bandidos" pegaram a senhora atinjada por um tiro e jogaram ela no porta-mala da viatura sem nenhum cuidado, como se fosse um animal, não travaram o porta mala. Sabe lá qual era a intenção deles, arrastaram ela por quase 500 metros, é um absurdo. Esses policias terão que pagar pelo crime que cometerão**

**Vinicius Almeida**

Ok, foi de tiro, mas a questão não é essa! **Se trata um ser humano ferido, precisando de ajuda jogando como se fosse um animal** dentro de uma mala de viatura sem nenhum apoio. Todo santo dia é uma nova da PM que aparece. Nem meu cachorro quando levo ao veterinário, ponho dentro da mala.

**Ana Gambado**

Pois enquanto isto Renato Aragão foi socorrido de maneira humana em um belo hospital particular e já está pronto para ir para a sua mansão, e **a pobre faxineira alvo de um tiroteio entre a polícia e o bandido em uma favela foi socorrida por um camburão jogada lá dentro como uma carcassa** não tiveram nem a decência de trancar a porta de trás a senhora caiu e foi arrastada pelo carro por um bom tempo o corpo batendo no asfalto roubando o resto de vida que ainda restava nela, **esta é a diferença entre ser rico e ser pobre no Brasil.**

Esta memória relacionada ao índio e ao negro é tratada na análise de Ribeiro (1995) sobre as matrizes étnicas, o enfrentamento dos mundos e o processo civilizatório no país, em que aborda a carga ideológica do preconceito racial na cultura brasileira.

**Ideologia nenhuma, antes nem depois, foi tão convincente para quem exercia a hegemonia, nem tão inelutável para quem a sofria, escravo ou vassalo.** Despossados de suas terras, escravizados em seus corpos, convertidos em bens semoventes para os usos que o senhor lhes desse, eles eram também despojados de sua alma. (...) **Tal é a força dessa ideologia que ainda hoje ela impera, sobranceira** (RIBEIRO, 1995, p. 64 e 65).

Neste processo histórico que adjetiva como desumanizador, Ribeiro afirma que “o espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, consigam permanecer humanos” (1995, p. 106), estatuto de memória presente na percepção do leitor do G1 ao ver-se diante de um enunciado jornalístico que emprega a uma pessoa uma forma de tratamento demérita – Cláudia Silva Ferreira chamada simplesmente de “arrastada”.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisar discursivamente um texto coloca-se como um desafio ao pesquisador, tal é a responsabilidade da tarefa de apontar percepções do mundo e procurar compreender o funcionamento dos fenômenos indicados a partir destas percepções (aqui, pela representatividade da palavra “arrastada” no discurso jornalístico, midiático). “Como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? Onde começam as nossas ideias sobre as coisas? Por que as aceitamos? Como chegaram a nós?”, questiona Bosi (2003, p 117). Tais questionamentos fazem com que se reflita sobre o processo de produção de evidências para analisar um discurso, dada a subjetividade do estudioso, como também apontam para a subjetividade do produtor do discurso midiático na escolha e no tratamento dos materiais editoriais, tal qual um título de reportagem sobre a morte atroz de uma pessoa.

**É esse indivíduo/sujeito que pertence a uma família, a um grupo social, a uma raça, a uma classe social, a uma nação, a um estado, que, de um lado, vai produzir a “mensagem” do meio de comunicação e, de outro, vai recebê-la, “lendo-a” de acordo com seu universo. Por isso, questões como construção da verdade, estereótipo, manipulação, simulacro, imaginário, cultura e culturas, resistência cultural e cultura de resistência, identidade, cotidiano, existência e possibilidades de existência, consciência social e consciência estética, entre muitas outras, constituem o centro de discussão e reflexão para os estudos e a prática do campo da Comunicação (BACCEGA, 2007, p. 85).**

Ambos os lados – ou melhor, todos os lados das instâncias discursivas em atuação na mídia (produção, recepção, historicidade, formação discursiva, auditório, contexto, etc) – que compõem o discurso requerem constante reflexão e análise. Nas palavras de Escosteguy (2007) sobre os estudos de fenômenos comunicacionais que constituem-se pelo e no entremeio de produção e recepção, tal qual o discurso, deve-se, portanto, “destacar sua concepção de articulação entre as mensagens, o lugar onde estas têm

origem, com suas respectivas rotinas de produção, e o trabalho interpretativo da parte dos receptores” (ESCOSTEGUY, 2007, p. 124) para que se possa apreender pontos importantes da complexidade dos fenômenos comunicacionais (e discursivos).

No caso analisado, os sentidos do termo “arrastada” nos títulos do G1, conferidos a uma mulher que perdeu a vida por arrastamento, expõem a delicadeza (e importância) do processo produtivo editorial na esfera do discurso, que requer da mídia/do jornalismo e de seus profissionais sensibilidade na concepção de seus conteúdos. Da mesma maneira, pôde-se notar também a representatividade da ativação da memória social que um título – pela escolha de uma palavra – desperta em seu público, o que pode reforçar e contribuir ativamente na manutenção de estereótipos, preconceitos e injustiças, tal qual apontou-se ao se resumir Cláudia – mulher, trabalhadora, esposa, mãe, cidadã, ser humano –, à simplesmente “arrastada”.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZAMBUJA, E. *Olhares e vozes que excluem: estereótipos de índio Karajá*. In: Roberto Leiser (org). **Identidade cultural & linguagem**. Campinas, SP. Pontes, 2005.
- BACCEGA, M. A. *O campo da comunicação*. In: **Comunicação e práticas de consumo**. Clóvis de Barros Filho e Gisela Castro (org). São Paulo: Saraiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Estereótipo e diversidades*. Revista Comunicação & Educação. São Paulo: 1998.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARONAS, R. *Discurso e mídia: memória, esquecimento e (in)significação*. In: NAVARRO, P. (org). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- BOSI, E. *Entre a opinião e o estereótipo*. In: **O tempo vivo da memória. Ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ESCOSTEGUY, A. **Circuitos de cultura/circuito de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo. Vol. 4, novembro de 2007.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1983.
- GREGOLIN, M. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidade**. In: Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, ESPM, 2007.
- LIPPMANN, W. *Estereótipos*. In: Steinberg, C. (org). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.
- LONARDONI, M. *O discurso da ascensão, auge e queda de Antonio Palocci, na ótica das capas de Veja*. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas/SP: Pontes, 1999.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 1995.
- SCHAFF, A. *Lenguaje y acción humana*. In: **Ensayos sobre Filosofía del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1973.